

Editora



a sociedade  
do chá



autora e ilustradora: pilar pantes.

## Sumário

1. Cara Cecília .....	3
2. Rosas, Tulipas, Margaridas e regras .....	5
3. Fofocas .....	6
4. Menina da cafeteria .....	7
5. Vinho branco com um toque de pânico .....	9

*Para todas as pessoas fofoqueiras.*

## I Cara cecília

Em uma pequena cidade, onde os mais afortunados quase todos os dias faziam coisas erradas, era comum correrem boatos sobre alguém ou alguma família.

Por exatamente esse motivo, a tão conhecida fofoca foi proibida por lei e tida como crime.

E essa é a história de como eu, Cecília Azevedo Fontes, virei o maior motivo de rumores, cochichos e olhares de Água Verde.

Quando cheguei à cidade, fui logo comprar um pão de queijo e tomar um café, mas entre um gole e outro escutei, burburinhos e notei diversas trocas de olhares atrás dos leques enfeitados por lantejoulas de duas moças completamente desconhecidas. Quando notaram meu estranhamento, logo tomaram um chá de sumiço, achei estranho, mas esqueci logo depois.

Na manhã seguinte, recebi um tipo de carta, com mais cara de convite, tinha um selo com o desenho de uma xícara de chá, quando abri tinha a seguinte mensagem:

*Cara Cecília, convidamos você para um magnífico chá da tarde. Às 17h de hoje em ponto, vista-se discretamente.*

*Rua São Teodoro, conjunto 7 casa 16. Nem um minuto a mais nem um minuto a menos.*

*Te esperamos lá.*

*Com muita consideração, a Sociedade do chá.*

Me arrumei rapidamente para ir ao mercado comprar uns chás para o evento e, no caminho, avistei aquelas mesmas moças do café indo para o endereço dito no convite.

Quando cheguei em casa, fiquei pensando se aquilo poderia ser uma seita, ou uma surpresa porque realmente achavam que eu era uma pessoa tão interessante para entrar em uma sociedade até então secreta.

Passei a tarde cheia de dúvidas, até que era hora, hora de ter uma surpresa inesperada ou um fim bem trágico a minha vida entediante.

Vesti um vestido marrom-claro, corset bege por cima, chapéu discreto de palha e tomei caminho até o local. De nervosismo, errei o conjunto três vezes, mas finalmente cheguei.

Toquei a campainha que era incrivelmente silenciosa, quando abre a porta um homem alto, loiro, com uma barba mal-feita e diz:

- Você deve ser a senhorita Azevedo.

- Sim, eu mesma.

## II Rosas, Tulipas, Margaridas e Regras

Quando entrei na casinha amarela cheia de fotografias de membros antigos, e com um resquício de mofo no canto da parede de frente a porta, percebi que aquilo não era só uma sociedade atual que só existia para a diversão das pessoas, era uma coisa que estava de pé desde o ano do decreto contra fofoca em Água verde (que foi em 1934, e já estamos em 1998).

O homem que, por algum motivo ainda não tinha se apresentado formalmente, me levou até um jardim transbordado de petúnias, rosas, tulipas e margaridas com uma mesinha branca e alguns bancos no meio de tudo, era de tirar o fôlego.

Logo depois dele ir embora, as mesmas moças de antes vieram até a mesinha e se sentaram, mas não me cumprimentaram, simplesmente fizeram um sinal com as mãos que eu desconhecia, na hora fiz o mesmo mas elas começaram a rir de mim, não entendi exatamente o porquê e até hoje não entendo. Percebi que pararam de rir no momento em que uma mulher alta loira com um corte de cabelo extravagante se sentou ao meu lado, senti o cheiro de perfume adocicado infestar o ar, ela me encarou e disse:

— Podemos começar?

— Sim podemos, eu acho - eu disse com um tom nervoso

— Bom, nós somos as representantes da sociedade do chá como você pode ou não ter presumido. Falando nisso, Alberto! Pode trazer um bule de chá, xícaras e cubos de açúcar, por favor?

Finalmente eu sabia o nome dele.

— Continuando, a nossa sociedade foi feita para quebrar secretamente a lei contra os boatos se é que me entende, mas não é só isso, temos regras aqui também, uma das principais regras é que você senhorita Azevedo não pode em circunstância alguma falar sobre a sociedade do chá para absolutamente ninguém.

— Nossas reuniões sempre serão às quintas-feiras 7:20 da manhã, nem um minuto a mais nem um minuto a menos.

— É obrigatório usar roupas discretas, como tons de marrom ou preto.

E por último NUNCA eu digo NUNCA minta.

Dúvidas? Na hora, era tanta informação que a minha cabeça não parava de girar.

### **III Fofocas**

Bom, apesar de tudo, eu achei a idéia interessante, mas o problema era deixar o meu grande segredo escapar em alguma conversa. Mas isso não seria difícil, nunca arriscaria praticamente toda a minha vida, eu com certeza pensaria duas vezes.

Desde que eu me juntei à sociedade do chá, minhas manhãs de quinta-feira começaram a ficar mais interessantes.

Eu particularmente adorava sentar tomar um chá no jardim estonteante ( como eu o chamo) e gargalhar quando algum membro contava algum podre recentemente saído do forno, como o advogado do primo de um aristocrata tinha um relacionamento com a esposa de seu irmão, ou que a mulher do padeiro teve um caso com um farmacêutico enquanto estava visitando sua mãe, e acabou tendo um filho que deixou lá em Terra Linda que foi criado como seu sobrinho, até a florista que apareceu grávida mas se dizia virgem (as freiras enlouqueceram achando que era a próxima virgem maria), não sei como conseguiam descobrir tanta coisa assim.

Tinham dias que ninguém tinha nada para compartilhar, ou pelo menos não falavam nada, com algum medo de estarem errados e serem expulsos.

Mas depois que as reuniões acabavam eu seguia a minha vida normalmente, fingia que eu não conhecia ninguém, ia para o trabalho, trabalhava, almoçava, e nada mais além disso.

## IV Menina da cafeteria

Um dia antes de minha reunião com a sociedade, uma moça com cabelos ruivos, olhos azuis que nem o céu e uma maletinha coberta de adesivos, apareceu em Água verde.

Depois da chegada dela na nossa pequena cidade eu via ela por todo lugar, acho que ela estava tentando conhecer Água verde melhor, até descobri o nome dela em uma dessas aventuras pela cidade, Carolina Rosado.

Comecei a me interessar cada vez mais por ela, e entre uma reunião e outra da sociedade, eu descobria um pouco mais sobre o jeito de ela viver a vida, ou a história de como ela veio pra cá, a qual eu certamente vou contar para vocês.

Um membro contou que Carolina era sobrinha de um famoso escritor que recentemente havia falecido, Carlos Rogério Maranhão, e que após a morte de seu tio, quis visitar todos os lugares que ele tinha citado em seus livros, achei interessante e surreal, também contaram que ela estava viajando a três anos e meio e Água verde era sua última parada.

Depois de descobrir isso tudo, resolvi que seria amiga dela, até melhor amiga se possível.

Todos os dias ela ia a mesma cafeteria à tarde para ler um , toda vez um livro diferente, mas sempre um de seu tio, *Rosas estonteantes*, *As terras de pouco homem e muita guerra*, *A última gota de café*, e outros mais, me interessei pelos títulos extravagantes e complexos porque eles não tinham nada haver com as histórias.

Até que certo dia recebi outro convite, perguntei para mim mesma se era mais alguma sociedade secreta me chamando para fofocar, não, era um convite de Carolina, escrito em uma caligrafia impecável estava a seguinte mensagem:

*Querida Cecília, notei nessa última semana que você tem me observado bastante, espero que não seja uma psicopata ou algo do tipo.*

*Mas queria te convidar para fazer um piquenique na colina atrás do restaurante "Peixes e Boi" às 15h30 de quarta-feira.*

*Talvez possamos nos conhecer melhor, né? Traga qualquer comida que quiser, contanto que não tenha amendoim porque eu sou mortalmente alérgica a amendoim.*

*Espero que considere o nosso pequeno encontro.*

*Até, Carolina (a menina da cafeteria).*

Não fazia ideia do porquê que eu sorri lendo o convite naquela hora, mas tinha ficado ansiosa para conhecer uma pessoa tão interessante.



## V Vinho branco com um toque de pânico

Eu cheguei um pouco antes dela, coloquei a toalha quadriculada azul na grama, uma cestinha cheia de pães, doces, salgados, e um suco de laranja.

Sentei, enchi um copo de suco e fiquei à espera de Carolina. Até que lá estava ela, subindo a colina, mais radiante que nunca com um sorriso no rosto, tranças quase desfeitas, e sapatos na mão.

Sentou do meu lado e foi tirando pequenos petiscos de dentro de sua cestinha de piquenique. Quando acabaram as comidinhas, tirou uma garrafa de vinho branco de dentro da bolsa junto com duas taças, eu olhei para ela com uma cara meio "vinho"? às 15h35 da tarde? tá bom então", acho que ela percebeu e disse:

— Que foi? nunca tomou vinho antes das 19h00?

— Bom, não, mas já que você insiste - eu disse com um tom sarcástico.

Então ela encheu as duas taças e começamos a petiscar e conversar.

Algumas horas tinham se passado e já tínhamos conversado sobre diversos assuntos, por que as estrelas brilham, como é fascinante o brilho dos vagalumes, por que as pessoas se importam tanto com a opinião dos outros mesmo que um dia todos vamos morrer.

Eram mais ou menos 01h da manhã quando fomos pra casa, eu acho que nunca tinha me divertido tanto com alguém quanto me diverti com ela.

Na manhã seguinte, acordei bem em cima da hora de ir para a reunião na sociedade.

Quando cheguei, um dos membros, que era uma moça jovem estava compartilhando o primeiro rumor do dia:

— Ontem a noite, o dono do restaurante "Peixes e Boi" escutou duas garotas no topo da colina, as duas estavam mais pra lá do que pra cá, e aparentemente uma delas era a moça recém chegada aqui na cidade, Carolina, alguma coisa, não me lembro direito.

Meu coração gelou, entrei em pânico por dentro, será que mais cedo ou mais tarde alguém da sociedade iria descobrir que era eu? Meu deus do céu, e se rumores sobre mim e Carolina estarmos em uma relação amorosa (não que seja verdade) de algum jeito se espalhasse para TODA a cidade, e agora?

Falei que estava passando um pouco mal e tinha que ir para casa, precisava sair dali antes que eu mesma cavasse minha própria cova.

## **VI Nada Para fazer**

Depois do terrível e bastante inesperado incidente, eu decidi não ir às reuniões por um tempo, claro que mandei um bilhete para Sra.Montes (a fundadora da sociedade) avisando que eu não iria aos encontros por mais ou menos duas semanas, não sabia exatamente quando voltar.

Nas semanas que não fui às reuniões, eu basicamente não fiz nada, ia ao café, chegava em casa, lia um livro ( que nesse meio tempo eu já tinha lido três, inclusive muito bons) e às vezes muito raramente falava com Carolina por telefone. Em uma dessas raras conversas o tópico estava bem interessante, "Porque as pessoas se viciam a algo" em um termo geral como roupas, álcool, drogas, bebidas, comidas, eletrônicos, séries, livros coisas do tipo.

Chegamos a conclusão que se uma coisa é realmente boa, e acessível obviamente, basicamente não tem saída, ou você usa de um jeito não moderado, ou você usa.

Mas bom, isso que eu acabei de falar foi só por falar mesmo. Continuando, em um dia normal desses no meio da minha ida matinal ao café, vi um membro da sociedade, ele olhou rapidamente pra mim, e anotou meu nome em um caderninho?? Naquela hora eu tive certeza que eu tinha que arrumar um jeito de sair da sociedade. Será que eu teria que deixar Água Verde? Eu realmente não queria.

Voltei para casa assustada e meio nervosa, e não sei o que deu em mim, mas comecei a fazer as malas, peguei todos os meus livros, roupas, tudo, até que eu notei um movimento na minha janela e fui olhar, antes de ver a cara da pessoa eu dei um grito tão forte que essa pessoa caiu dentro do meu quarto, e essa pessoa era Carolina, a bela Carolina.

## VII Fusca Verde

Eu tomei um susto claro, mas na hora que a reconheci me acalmei.

Perguntei para ela :

— O quê você está fazendo aqui? Levei o maior susto

— Bom, fiquei sabendo que você queria ir embora da cidade, e pelo jeito é verdade. E agora estou te oferecendo para vir morar comigo se quiser já que você vendeu sua casa.

— Primeiro, como ficou sabendo? Segundo, que bom que eu posso contar com alguém agora (especialmente ela), e Terceiro, eu adoraria morar com você

— Bom, eu tenho minhas fontes, quer levar suas coisas para minha casa logo ou quer esperar até amanhã?

— Podemos levar agora se quiser! Mas meu quarto de hóspedes tá ocupado por um monte de tralhas no momento então vai ter que dormir no meu quarto hoje. Tudo bem?

— Tudo ótimo, maravilha.

Não conseguimos ir a pé, porque era muito arriscado aquela hora, então Carolina pegou seu fusca verde e fomos para sua casa.

Quando chegamos, a casa dela era extraordinária, a uns 10 km do centro da cidade, tinha um jardim com piscina, a decoração nem me diga, era estonteante.

Quando chegamos ao quarto dela comecei a arrumar as minhas coisas em uma prateleira junto com um armário que ela tinha separado.

Depois disso Carolina me ofereceu um café e fomos para o jardim conversar. Conversa vai conversa vem, decidimos que de manhã iríamos arrumar o quarto de hóspedes que seria meu quarto.

No meio da conversa ela perguntou:

— Mas por que isso tudo? Digo, por que você queria ir embora

— Bom, acho que isso eu não estou preparada para contar, mas quem sabe algum dia. Está ficando tarde, e melhor irmos dormir.

A pergunta foi muito inesperada, mas uma hora ou outra a verdade teria que ser dita.

## VIII Aflição

Algumas semanas se passaram, voltei para a sociedade. Fingi que até o momento tudo estava bem, bom, até que estava, morando em um lugar maravilhoso, sem problemas no trabalho, e vou admitir, comecei a ter uma pequena queda por Carolina, nada muito grande, mas era uma quedinha.

Ela foi maravilhosa quando fomos arrumar o meu novo quarto, ajudou na decoração, pintar as paredes, escolher os móveis, o básico.

Quando voltei à Sociedade do Chá, todos perguntaram o porquê do meu sumiço, eu disse que tive alguns problemas com a família e que precisava de um tempo fora.

No final da minha primeira reunião depois de voltar Sra.Montes me chamou no canto do jardim e me avisou:

— Escute atentamente ao que eu vou te dizer, eu sei que a moça que estava com a senhorita Rosado é você, não ache que eu sou idiota, e caso esteja se perguntando, sim, deixou muito óbvio, ninguém fica tão nervoso ao ponto de desaparecer por semanaas e ainda diz que foram problemas familiares.

— Me desculpe, mas não entendi muito bem o ponto da conversa.

— Bem, muito bem, teve uma regra que eu esqueci de contar, a partir do momento em que você vira fofoca em Água Verde, seu direito de morar aqui corre um risco pois eu tenho que contar para o conselho da cidade.

— Mas ninguém sabe que era eu!

— Mas vão saber, aqui nada passa em branco pelas pessoas, uma hora ou outra, seu nome vai se encaixar na história. Olhe, estou falando isso para o seu bem, tome cuidado com o que você anda fazendo, ontem à noite às 1:30 o padeiro escutou barulhos de carro indo em direção a sua casa. Fique esperta. Agora pode ir.

Pelo tom da conversa deu para perceber que eu devo ter saído de lá com mais aflição do que cheguei.

## IX Colinas amarelas

Exatamente um mês depois do acontecido, eu e Carolina avançamos bastante em nossa relação, até adotamos um gatinho chamado queijo, as coisas estavam mais que bem. Porém comecei a me interessar cada vez menos na sociedade, as notícias estavam muito sem graça e ,sei lá, menos interessantes mesmo.

Então decidi mandar uma carta de despedida a Sra.Motes que dizia o seguinte:

*Cara Sra.Montes, vim em meio desta comunicar a minha saída da Sociedade do Chá, pois percebi que no último mês me encontrei desinteressada com a sociedade. Espero que compreenda e que consiga achar uma pessoa que realmente mereça o cargo.*  
*Sinceramente, Cecília.*

Na hora que coloquei a carta na caixa de correspondência da casa de Sra.Montes parecia que um peso foi levantado do meu coração de tão aliviada que eu fiquei. Acho que esse alívio não veio atoa, mas alguma coisa me dizia que eu ainda não podia me tranquilizar, porém ao mesmo tempo queria sair de mãos dadas com Carolina e queijo no colo pelas ruas de Água Verde. Isso teria que esperar.

Em uma manhã acordei em um grande desespero de fazer alguma coisa excitante, tipo ir em uma aventura, pequena obviamente, mas uma aventura, então chamei Carolina para fazer um passeio nas colinas amarelas (que eram chamadas assim por conta de sua grama amarelada causada pela água dos rios). Então preparamos cestas com comida e colocamos Queijo em uma coleira que eu costurei e fomos ter um dia de aventura.

Mas ao mesmo tempo em que eu estava tendo o melhor dia da minha vida inteira, eu sentia que tinha algo errado, parecia que alguém estava nos perseguindo.

O sol estava prestes a se por então voltamos para a cidade. No momento em que chegamos lá uma pessoa gritou " Olhem, polícia!" Carolina e eu não entendemos nada até notarmos um cartaz com uma foto nossa no campo, sabia que a minha sensação não era só uma paranoia qualquer, pensei "Temos que sair daqui agora" então puxei Carolina e a mandei correr o mais rápido possível.

Chegamos à nossa casa e fizemos as malas rapidamente e falei para ela me esperar no carro porque tinha que buscar uma coisa importante, uma foto.

Virei a casa praticamente de cabeça para baixo mas não encontrei, na minha última esperança olhei debaixo do armário de madeira, finalmente encontrei a minha última memória de minha família.

Estava de saída quando escutei batidas na porta e uma voz grossa dizendo "ABRA A PORTA! EU SEI QUE VOCÊ ESTÁ AÍ!" quase comecei a chorar naquele exato momento mas tinha que achar um jeito de escapar dali sem ser notada.

Lembrei que a casa tinha um portão atrás que dava para a rua, então sem fazer nenhum barulho fui até lá, quando abri o portão uma mulher me notou e gritou sinalizando que eu estava ali, gritei para Carolina ligar o carro e abrir a porta, então em um pulo entrei no carro e gritei "Dirija RÁPIDO !" então fugimos de Água Verde.

Chegamos na cidade e fomos para um aeroporto embarcar para mais longe o possível.

Conseguimos comprar passagem para Lisboa em Portugal, então quando chegamos conseguimos ficar em um hotel por alguns dias e um mês e meio depois compramos um apartamento e procuramos trabalhos que nos interessavam, deu tudo certo.

E é aqui que começa a nossa história.